



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

EDUARDA SOUZA

AS MÚLTIPLAS LINGUAGENS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
COM BEBÊS EM CRECHES

Florianópolis

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE PEDAGOGIA

Eduarda Souza

AS MÚLTIPLAS LINGUAGENS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
COM BEBÊS EM CRECHES

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Banca Examinadora do
Curso de Pedagogia como pré-requisito
para a obtenção do título de Licenciatura
em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Kátia Adair Agostinho

Co-orientadora: Prof^ª. Ma. Rosinete Schmitt

Florianópolis

2013

Eduarda Souza

**AS MÚLTIPLAS LINGUAGENS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
COM BEBÊS EM CRECHES**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, e aprovado em sua forma final pela Coordenação do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 21 de novembro de 2013.

Prof^a. Dra. Maria Sylvia Cardoso Carneiro
Coordenadora do Curso de Pedagogia

Banca Examinadora:

Orientadora: Prof^a. Dra. Kátia Adair Agostinho
CED-UFSC

Coorientadora: Prof^a. Ma. Rosinete Schmitt
CED-UFSC

Membro: Prof^a. Dra. Gilka Girardello
CED-UFSC

Membro: Prof^a. Dra. Regina Ingrid Bragagnolo
CED-UFSC

Suplente: Prof^a. Dra. Patrícia de Moraes Lima
CED-UFSC

Dedico a todas as crianças,
que sejam respeitadas e reconhecidas como
cidadãos de direito!

AGRADECIMENTOS

“Cada pessoa que passa em nossa vida passa sozinha e não nos deixa só; porque deixa um pouco de si e leva um pouquinho de nós. Essa é a mais bela responsabilidade da vida e a prova de que as pessoas não se encontram por acaso” (Charles Chaplin).

São muitas as pessoas que cruzaram meu caminho, proporcionando vivências e aprendizados;

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida, pelo seu amor infinito, porque ele é a força maior que existe no mundo, e sem Ele nada sou!

A minha avó materna Marlene, minha madrinha e aquela que chamo de “mãe”, por ser quem sou, pelo amor e pela educação que me deu, por me guiar! Ao meu avô materno Dico (em memória) que me criou como pai e que faz muita falta!

A minha mãe, por tudo que fez e faz por mim, e ao meu pai, que faleceu quando tinha dois anos de idade e que se faz presente mesmo ausente. Sei que está por perto sempre, a todo o momento me ajudando e me guiando.

Ao meu namorado e melhor amigo Bruno, um agradecimento mais do que especial, por ter vivenciado comigo passo a passo todos os detalhes deste trabalho, ter me ajudado em tudo, me dando todo o apoio que necessitava nos momentos difíceis. Obrigada por todo carinho, pelas vezes que me fez rir, me tranquilizando, por aturar meus momentos de estresse, e principalmente por tornar minha vida cada dia mais feliz.

A toda minha família, tios, tias e primos, por todo carinho. E também as crianças da minha família: Laura, Gabriela, Livia e Lavínia, que fazem a alegria presente a cada dia.

As minhas colegas de curso, que com as discussões em grupo tivemos nossos aprendizados constituindo nossa formação acadêmica.

As amigas que conquistei com a Universidade, Mariana e Andressa. Desde o primeiro dia de aula já nos unimos formando uma linda amizade e continuamos seguindo juntas, só tenho a agradecer por ter feito amizades tão belas!

A minha eterna dupla de estágios, Andressa Fabiana Fanhani, por compartilhar cada momento, os estudos e as conversas essenciais para nossa formação e pela sua calma, que por vezes me tranquilizava também.

Aos pais do Bruno, futuros sogros, por serem pais para mim!

A Camila, primas inseparáveis desde crianças, minha amiga e confidente, que por vezes me ajudou nas conversas trazendo apontamentos e reflexões acerca da psicologia.

Ao Flor do campus, por possibilitar oportunidade de aprender como ser professora. As crianças do Flor, pais, professoras e demais funcionários o meu eterno agradecimento.

A professora Eloisa Rocha, por contribuir muito no início deste estudo. E também por ser uma das inspirações para esta pesquisa.

A Fernanda Gonçalves por compartilhar ideias e dúvidas.

A minha orientadora Kátia Adair Agostinho por me guiar na construção desta pesquisa, contribuindo nas discussões acerca do tema e na construção da escrita. Seus apontamentos, desde o estágio na educação infantil, foram essenciais na minha formação.

A Rosi Schmitt, aquela que tive a honra de conhecer durante a produção deste estudo, que como coorientadora trouxe apontamentos necessários para meu aprendizado e também para a escrita deste trabalho. Uma pessoa de notório saber acadêmico que tive a satisfação de conhecer.

Enfim, agradeço a cada pessoa que conheci e convivi, mesmo que por curto tempo, pois tiveram sua importância em minha constituição para chegar aqui.

A todos, o meu eterno agradecimento!

De tudo, ficaram três coisas: A certeza de que estamos sempre começando... A certeza de que precisamos continuar... A certeza de que seremos interrompidos antes de terminar... Portanto, devemos:
Fazer da interrupção um caminho novo... Da queda um passo de dança... Do medo, uma escada... Do sonho, uma ponte...
Da procura, um encontro...
(Fernando Pessoa)

RESUMO

SOUZA, Eduarda. As múltiplas linguagens nas práticas pedagógicas com bebês em creches. 2013. 49f. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

O presente estudo teve por objetivo identificar como as professoras observam suas práticas na ampliação dos repertórios das múltiplas linguagens com as crianças pequenas. A metodologia utilizada foi entrevistas semiestruturadas com três professoras que trabalham em uma mesma instituição de 0 a 3 anos na rede de Florianópolis. As entrevistas foram transcritas e utilizei aportes teóricos para dialogar com a fala das professoras e caminhar na busca de compreensões possíveis. O estudo evidenciou a importância que as múltiplas linguagens possuem na constituição do ser humano e as análises permitiram perceber que as professoras devem ser as mediadoras e propositoras das múltiplas linguagens para que as crianças se desenvolvam de forma plena e significativa. É preciso refletir sobre o papel do professor de bebês, como aquele que amplia os repertórios a todo o momento, nas relações e interações. Perceber que o professor possui múltiplas funções que precisam ser, a todo o momento, pensadas para e com as crianças.

Palavras chaves: Bebês. Múltiplas Linguagens. Educação Infantil. Docência.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 POR QUE PESQUISAR BEBÊS?	9
1.2 PROBLEMATIZAÇÃO E OBJETIVOS	14
2 LINGUAGEM.....	15
3 MÚLTIPLAS LINGUAGENS NA DOCÊNCIA COM BEBÊS	17
4 CAMINHOS METODOLÓGICOS	25
5 ANÁLISE DA PESQUISA.....	28
5.1 SER PROFESSORA DE BEBÊS, SUAS ESPECIFICIDADES	28
5.2 O QUE AS PROFESSORAS COMPREENDEM POR MÚLTIPLAS LINGUAGENS COM BEBÊS	33
5.3 COMO AS PROFESSORAS OBSERVAM A PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS	39
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS	45

1 INTRODUÇÃO

1.1 POR QUE PESQUISAR BEBÊS?

O interesse em pesquisar sobre as práticas pedagógicas com crianças de zero a três anos deu-se pelo fato de ter trabalhado durante três anos da minha graduação como professora estagiária, com bebês, na Associação de Pais CEI Flor do Campus. Experiência que motivou a pesquisar as práticas pedagógicas envolvendo as múltiplas linguagens, já que nessa aproximação com as crianças pequenas tive que aprender novas formas de comunicação que não eram aquelas que estava acostumada, e também por perceber o quanto cada experiência é nova para os bebês. Esse encontro com as crianças menores no meu percurso profissional fez perceber que as professoras precisam estar preparadas para ampliar os repertórios das crianças pequenas, possibilitando diferentes experiências e garantindo uma educação de qualidade. Percebi na prática que o trabalho com os bebês tinha especificidades muito diferentes das com crianças maiores e isso me instigou a pesquisar mais sobre essa etapa da infância.

Outro fator que contribuiu para esta pesquisa foi à afinidade com uma disciplina da sexta fase do curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Santa Catarina, nomeada de Organização dos Processos Educativos na Educação Infantil II, ministrada pelas professoras Eloisa Rocha e Juliana Lessa, que me aproximou de temáticas relacionadas às relações, interações e cuidados dos bebês, suas linguagens e formas de se expressar com o mundo. Mostrou-nos que as práticas mais ligadas ao corpo, aos cuidados, devem ter lugar no planejamento, reconhecendo o bebê como um cidadão de direitos. Embora eu já tivesse uma pequena noção sobre tais questões, pois a experiência de trabalhar com os bebês, na terceira fase do curso de pedagogia, ainda que não houvesse me aproximado de alguns aportes teóricos, incidia sobre os meus saberes. A disciplina dentre muitas marcas que deixou nos revelou a importância do trabalho pedagógico com as crianças de 0 a 3 anos, contemplar a indissociabilidade do cuidar e educar. Essa disciplina me instigou e alimentou o desejo de me aproximar da docência com bebês, conhecer as relações educativas envolvendo as múltiplas linguagens.

Percebi então, que as práticas pedagógicas junto aos grupos de bebês possuem contornos específicos que as diferencia da dinâmica dos demais grupos. Ainda que compartilhem no contexto educativo da creche de uma estrutura de tempo e espaço

institucional junto com as demais crianças, os bebês possuem aspectos específicos na condição social de seu desenvolvimento que circunscrevem formas relacionais específicas com as profissionais e entre eles (SCHIMITT, 2008).

Existem muitos estudos atuais que anunciam elementos que devem ser questionados e estudados na educação dos bebês, principalmente nos espaços de educação infantil. Dentre esses estudos, destaco alguns que nos dizem sobre os bebês, suas especificidades e seus envolvimento com as linguagens, trazendo uma prévia sobre cada um: Tristão (2004) dentre muitos apontamentos necessários, nos diz que as práticas pedagógicas com os bebês exige das profissionais sensibilidade, sutileza e intencionalidade envolvendo as múltiplas dimensões humanas. Schmitt (2008) estudou as relações sociais de bebês nos contextos de educação infantil, trazendo análises que indicam a instituição de educação infantil como um estabelecimento de múltiplas relações dos bebês, envolvendo os adultos, outros bebês, crianças maiores, atravessados pelas condições materiais e significações desse espaço. Os bebês, dentro de suas possibilidades de desenvolvimento, vão se relacionando utilizando diversas expressões comunicativas, que vão sendo ampliadas e significadas na relação constituída no coletivo. Guimarães (2008) afirma o cuidado em sua dimensão ética e dá visibilidade a potência dos bebês nos contextos da creche. Discutindo principalmente sobre a qualidade das práticas de cuidado na creche com bebês, problematizando as ações do educar e do cuidar. Barbosa (2010) escreve também sobre a especificidade da ação pedagógica com bebês, trazendo apontamentos necessários para compreender quem são os bebês, pensando em um currículo específico e refletindo sobre uma educação que contemple as linguagens. Duarte (2011) trata em sua pesquisa da especificidade que constitui a ação docente das professoras que atuam com os bebês em creche, chamando atenção à dimensão das relações de cuidado e à dimensão das relações corporais. Esses estudos citados são preciosos na busca da compreensão da especificidade da ação docente com crianças de 0 a 3 anos envolvendo a ampliação dos repertórios comunicativos linguísticos.

É preciso considerar que esses estudos estão situados no campo da Pedagogia da Infância e estabelecem diálogos com perspectivas de outros campos que tem se ocupado dos estudos entorno da infância e da criança. De maneira geral pode-se citar os campos da Sociologia da Infância, Antropologia da Criança e Filosofia, como áreas privilegiadas por estes estudos, tratando a criança e a infância não apenas como uma linha reta, linear e contínua. A criança e a infância se constituem em movimentos de idas e vindas que necessariamente não se estabelecem a partir da mesma ordem vigente adulta. Nesse

movimento, constata-se que a criança também diz de si, se narram e nos ajudam nessa produção de considerações acerca de seu grupo geracional.

Além desses estudos importantes para a área da educação infantil, atualmente aportes teóricos legais norteiam as ações pedagógicas nas creches reconhecendo como direito para as crianças à educação infantil. A Constituição Federal de 1988 (CF/88) reconhece legalmente, como direito de toda criança a frequentar uma instituição de educação infantil. Para complementar, a Lei de diretrizes e bases (LDB/96) vai reconhecer a educação infantil como primeira etapa da educação básica, e sendo assim tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação infantil (DCNEI/2009) ressaltam a infância como tempo de cuidado e educação e orientam as ações docentes para cuidar e educar a criança de forma plena e significativa. Garantindo o bem-estar das crianças, das famílias e dos profissionais. As creches e pré-escolas devem então, segundo este documento, cumprir suas funções: sociais, políticas e pedagógicas.

Além dos documentos legais Nacionais citados, alguns municípios elaboram seus próprios documentos norteadores chamados de Diretrizes Curriculares Municipais para Educação Infantil (DCMEI/2010). No município de Florianópolis esse documento foi elaborado por pesquisadores da área da educação infantil e traz contribuições necessárias para compreender e ampliar as práticas nas ações com as crianças em creches e pré-escolas. Apresenta também, os Núcleos de Ação Pedagógica (NAP/2012), assim divididos: Linguagens: gestual-corporal, oral, sonoro-musical, plástica e escrita; Natureza: manifestações, dimensões, elementos, fenômenos físicos e naturais; Relações sociais e culturais e também um capítulo sobre a brincadeira. Esse documento está disponível no site da prefeitura e serve de aportes para as professoras. Tendo em vista que este estudo aprofunda no âmbito das linguagens, utilizarei como aporte teórico apenas aqueles referentes às linguagens.

O documento indicativo sobre as Linguagens corporais, trás a compreensão da dança, do gesto, caminhar, o olhar, a mímica, teatro, entre outros, onde expressamos significados, demonstrando emoções, sentimentos e ideias. Esse núcleo de ação vai dizer que o corpo carrega marcas, fala quem somos, que experiências vivemos em relação a gênero, religião, etnia, sexualidade, ou seja, revela nossa singularidade em relação ao outro, os modos de ser e lidar com o corpo. Por isso as professoras necessitam estarem atentas as informações, gestos e ritmos, para possibilitar a ampliação desses repertórios.

As Linguagens visuais envolvem o pintar, desenhar, colar, esculpir, modelar, construir, e o documento ressalta que essas atividades não dependem de dons ou talentos

artísticos, pois são atividades que exigem conhecimentos da ordem sensível e inteligível. Afirmar a importância de encontros significativos com a arte local e global para que as crianças tenham um encontro com a linguagem da arte, em que possam criar, inventar cores, formas, volumes, histórias e movimentos, pois é no contato com as artes plásticas que o processo expressivo se constitui. Esse núcleo também abarca o cinema, a fotografia, vídeo.

Já a Linguagem escrita compreende que a comunicação não é apenas com a fala, mas também compostas de expressões extra verbais; olhar, gesto, ritmo do movimento. O contato da criança com o mundo faz com que ela seja pertencente da linguagem, da oralidade e da escrita. É preciso que as crianças desde pequenas manuseiem livros, provocando encantamento. É direito das crianças o acesso com a leitura e a escrita, sendo assim as experiências nesse âmbito devem provocar curiosidades nas crianças. O documento tece orientações para ação docente, tais como: narrar histórias, lerem livros, cantar e encenar.

Percebendo a importância de todos esses documentos citados, é preciso reafirmar qual o lugar da criança nessa concepção vigente de educação. Neste sentido as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil de 2009 prevê que as propostas pedagógicas devem considerar que a criança, centro do planejamento curricular:

[...] é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivência, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2009. p. 1)

Sendo assim, percebemos a criança como histórica, reprodutora e produtora de cultura na sociedade em que está inserida. Neste sentido, ao anunciar que esta pesquisa abordará a temática sobre as múltiplas linguagens nas práticas pedagógicas com bebês, é preciso identificar quem são os bebês, tendo em vista que essa definição não é universal. Diferentes culturas pensam nessas passagens ligadas ao desenvolvimento e a posição social das crianças pequenas de forma diferenciadas. Mesmo na cultura ocidental, ou dentro do próprio campo de educação há posições diferentes sobre as linhas divisórias entre ser bebê e criança. As potencialidades dos bebês nem sempre foram reconhecidas. Ao longo da história as concepções acerca dos bebês foram se modificando de forma associada ao desenvolvimento científico e ao lugar social da infância. Nos documentos legais nacionais essa divisão entre as crianças ocorre pela definição da instituição que atende, considera-se creche para 0 a 3 anos e pré-escola para os de 3 a 5 anos. Sendo assim, neste estudo, chamarei de bebês aquelas crianças que estão nos seus primeiros anos de vida, ou seja, crianças até 3 anos. Nessa fase

todos os momentos são de intensas experiências e aprendizagens. Elas vão aprendendo a compreender seu corpo e suas ações, suas interações, e sendo pertencentes à cultura ao qual está inserida, conforme afirma Gobbi (2010, p. 36):

Sabemos que as crianças expressam-se utilizando várias linguagens, com as quais constroem a si mesmas e as culturas nas quais estão inseridas levando-as ao encontro entre palavras, choros, sons, movimentos, traçados, pinturas, todos imbricados em ricas manifestações.

Essas manifestações ou também chamadas de expressões são específicas do ser humano, mas elas ocorrem de forma diferente em cada indivíduo. Por isso é importante o papel do professor como ampliador dos repertórios sociais, cognitivos e culturais, tendo a atenção à alteridade da infância, compreendendo que existem diferentes infâncias, determinadas pelo contexto que a criança está inserida, isso significa que a infância além de uma etapa de vida, é uma condição de ser criança. E é nessa condição de ser criança, no contexto e nas culturas que está inserida, que cada indivíduo vai produzir sua cultura.

Ao produzir cultura, a criança se manifesta pelas linguagens expressivas, por isso é necessário que sejam convidadas a ampliar suas linguagens e ter contato com aquelas com as quais ainda não conhece. Como alguns exemplos de linguagens expressivas e comunicativas temos as artes plásticas, visuais, gestuais, corporais, musicais, de imagem, do cinema, do teatro, histórias, entre tantas outras, já citadas pelos documentos legais de orientação curricular. Nesse processo é indispensável que a criança seja instigada e convidada a desenvolver ativamente o processo de construção de significados. Esses significados são elaborados a partir da ampliação, enriquecimento e complexificação do repertório dessas crianças, por isso o papel do professor é tão significativo e exige que esses profissionais pensem na organização dos tempos e espaços para que as crianças possam ter acesso às diferentes linguagens. As instituições de educação infantil precisam ser ambientes favoráveis para o desenvolvimento das linguagens, sabendo que as crianças pequenas vão se ensaiando no mundo através dos sentidos, movimentos, curiosidade, imitação, das brincadeiras. Enfim, as possibilidades de aprendizados dentro das instituições de educação infantil, são fundamentais para que as crianças se desenvolvam de forma significativa e plena.

Considerando que nós, seres humanos, temos múltiplas dimensões, convido a refletir sobre a importância das múltiplas linguagens para a formação do que nos torna humanos. Assim, esta pesquisa tem o objetivo de identificar quais as principais linguagens utilizadas na ampliação, enriquecimento e complexificação dos repertórios com as crianças de 0 a 3 anos,

através das falas das professoras e assim, aprofundar um pouco mais sobre as práticas docentes, envolvendo as múltiplas linguagens exercidas com os bebês.

1.2 PROBLEMATIZAÇÃO E OBJETIVOS

Considerando que o ser humano é composto por múltiplas linguagens é importante compreender o que as professoras entendem sobre as mesmas e como trabalham com elas em suas práticas. Reconhecer que os bebês possuem maneiras de interpretar e comunicar diferenciadas dos adultos subverte a ordem vigente em que temos maior visibilidade das linguagens oral e escrita que estão mais presentes nas relações entre adultos, enquanto os bebês exigem a utilização de outras linguagens, através do corpo, dos gestos, olhares, sorrisos, choros, enquanto movimentos expressivos e comunicativos.

Reitero o exposto acima da importância de que reconheçamos que as múltiplas linguagens são próprias dos humanos, portanto também precisam que as professoras valorizem essas manifestações das linguagens, as suas e dos bebês, por isso o seu trabalho é tão sutil e delicado, já que exigem dessas profissionais a atenção e observação para todas as manifestações e expressões humanas.

Sabendo da importância das múltiplas linguagens no desenvolvimento humano, principalmente nesta fase da infância, considero que as professoras devem ser as mediadoras e propositoras para que essas produções se desenvolvam de forma plena e significativa para as crianças. Por isso algumas perguntas são importantes para nortear o objetivo desta pesquisa, tais como: Quais as concepções que as professoras possuem referente às linguagens? De que maneira utilizam as múltiplas linguagens em suas práticas pedagógicas? Como que essas docentes analisam a devolutiva desses bebês em relação às vivências envolvendo as linguagens? Eles respondem de que maneira? Qual é o foco da prática pedagógica com os bebês? Reafirmo que estas são perguntas para orientarem este estudo, e esses questionamentos são de suma importância para o desenvolvimento da pesquisa, compreendendo as dimensões educativas que constituem a especificidade na ação docente com os bebês. Assim, o trabalho tem o objetivo de pesquisar como as professoras observam sua prática em relação às múltiplas linguagens e como as contemplam em sua docência com os bebês.

2 LINGUAGEM

Antes de conceituar múltiplas linguagens, é necessário compreender o conceito de linguagem no desenvolvimento do ser humano, por isso trago algumas contribuições acerca deste tema.

Bakhtin e Vygotsky são pesquisadores que muitos estudos fizeram acerca da importância da linguagem no desenvolvimento humano. Segundo Barbosa (2008), o pensamento comum entre esses estudiosos se refere à compreensão da linguagem como algo não fragmentado na constituição do ser humano, para eles,

Linguagem e sujeito se desenvolvem ao longo da história, na relação com os valores culturais, sociais e ideológicos. Opondo-se às dicotomias presentes na área da psicologia e dos estudos estéticos e linguísticos de seu tempo, construíram um pensamento em que tanto o homem quanto a linguagem são construtos objetivos e subjetivos ao mesmo tempo. (BARBOSA, 2008, p. 12).

Assim, segundo Barbosa (2008), linguagem na perspectiva de Vygotsky e Bakhtin se caracteriza como algo que se desenvolve junto do pensamento, das emoções e do corpo. Nesse viés a linguagem é compreendida para além de um instrumento de comunicação, e o homem como um ser social, inserido na cultura, construtor de cultura e constituído de linguagens. Nesse sentido, conforme a autora, para Vygotsky e Bakhtin o nascimento biológico não é suficiente para declarar a existência do ser humano como ser social e cultural. A condição de ser humano é concretizada num segundo nascimento, no qual o indivíduo começa a se perceber no mundo, com outros sujeitos e inicia as interações através das linguagens tornando-se social.

Segundo as orientações curriculares da Prefeitura Municipal de Florianópolis, no Núcleo de Ação Pedagógica (NAP- Linguagens), a linguagem é um sistema simbólico e que cada sujeito, como ser simbólico, realiza a ação de simbolizar utilizando sistemas de representação para elaborar seus pensamentos perante o mundo. Enquanto seres humanos ativos e criativos que somos capazes de conceber e manejar linguagens que servem para dar sentido ao mundo e a sociedade que vivemos. O documento afirma também que a linguagem é um elemento da produção cultural e,

[...] de acordo com Camargo, “mais que transmitir uma mensagem de um emissor para um receptor, a linguagem é o lugar da interação concreta humana” (2009, p.220). Nessa perspectiva, propõe-se uma abordagem e, conseqüentemente, uma prática pedagógica que prime pela ação social direta das crianças nas experiências que envolvam linguagens, mediadas pelos artefatos culturais e pelos sentidos e significados produzidos social e culturalmente. O encaminhamento desse processo exige conhecimentos que dêem base para a ação das professoras de educação infantil. (NAP LINGUAGEM ESCRITA, 2013, p. 1)

A concepção é que a linguagem, na perspectiva de Vygostky e Bakhtin não é algo que prescinde do corpo. A visão que possuímos do nosso corpo, as formas como o sentimos parte da relação com o outro. Este outro é quem informa meu corpo em categorias cognitivas, éticas e estéticas (BARBOSA, 2008). As reações emotivas, tais como: tristeza, alegria, paixões, amor, são vivenciadas nessa relação com o outro, pois nascem em razão do conjunto de valores dados pelo outro. Portanto, segundo Barbosa (2008), a linguagem está sempre em construção pelas ações praticadas pelos sujeitos em situações de interação.

A criança nas interações sociais emite sinais comunicativos voltados para outras pessoas. Os primeiros sinais comunicativos são os choros, sorrisos e vocalizações que se modificam com o tempo e na relação com outros; aos poucos vai se desenvolvendo a capacidade de comunicar as suas intenções através de sinais gestuais, mímicos e vocais e ao mesmo tempo o desenvolvimento da capacidade cognitiva que precede o desenvolvimento da linguagem.

Como meio de comunicação, através da linguagem é possível construir uma representação do mundo e de si, a linguagem como capacidade de construir conceitos. É um sistema através do qual o homem comunica suas ideias e sentimentos, seja através da fala, da escrita ou de outros signos convencionais. Segundo Vygosky (apud BARBOSA, 2008), linguagem não é apenas uma expressão do conhecimento adquirido pela criança. Existe uma inter-relação fundamental entre pensamento e linguagem, um proporcionando recursos ao outro. Desta forma a linguagem tem um papel essencial na formação do pensamento e do caráter do indivíduo.

3 MÚLTIPLAS LINGUAGENS NA DOCÊNCIA COM BEBÊS

Este estudo é pautado no diálogo com a pedagogia da infância, considerando a importância do desenvolvimento integral das crianças. Reafirmo que esta pesquisa busca interpretar através das falas das professoras, em entrevistas, como se dá o processo de ampliação, enriquecimento e complexificação do repertório das múltiplas linguagens para as crianças de 0 a 3 anos. Para isso é preciso conhecer os aportes teóricos a respeito das múltiplas linguagens.

De acordo com Gobbi (2010) o conceito de múltiplas linguagens se refere às diferentes linguagens presentes na vida da criança. Sabendo a significação que as instituições de educação infantil possuem no desenvolvimento das crianças, é necessário que as mesmas possibilitem práticas pedagógicas para que as crianças troquem observações, experiências e ideias. E por isso o papel do professor é tão significativo e exige que este tenha conhecimento sobre as culturas e universos infantis: suas brincadeiras, interações e linguagens. Segundo Rocha *“Para projetar uma educação para a pequena infância, precisamos conhecer as crianças por meio de seu complexo acervo de patrimônio linguístico, intelectual, expressivo, emocional”* (ROCHA, 2011, p. 380). Ou seja, uma prática voltada na observação e compreensão dos diferentes modos de ser das crianças e assim contemplar as possibilidades de ampliação de repertórios e experiências dos bebês.

As diferentes formas de comunicação presentes na condição de ser bebê, refere-se ao olhar, o gesto, o toque, balbúcio, o choro, sorriso, os movimentos, estas manifestações vão se configurando em linguagem na relação com outros, pela linguagem. Vigotski utiliza um exemplo que é emblemático nos estudos dos processos sociais entorno da constituição do sujeito e da linguagem. Ele analisa o gesto de apontar do bebê, que a princípio, em sua origem, ocorre de maneira aleatória. Esse gesto só se torna um gesto comunicativo quando o outro o significa como desejo do bebê em obter ou mostrar algo. A partir desta significação, o apontar deixa de ser um gesto espontâneo para tornar uma manifestação comunicativa, uma forma de linguagem corporal. Então o olhar, o gesto, o toque, vocalizações, sorrisos só serão compreendidos como linguagem na relação com o outro, permeado pela linguagem, que é inicialmente do outro (SCHMITT, 2008).

Assim as linguagens são aprendidas desde o nascimento do bebê com as relações e interações estabelecidas com adultos e outras crianças, nesta relação os bebês não apenas

recebem do outro, mas também interferem neste, desse modo, sendo ativos e criativos nas relações estabelecidas.

Este estudo considera a criança como um sujeito ativo em suas relações constitutivas, reconhecendo-a como cidadão, que vai se inserindo na sociedade, reproduzindo e produzindo culturas, criando suas relações com a natureza e com o ser humano. Ou seja, o reconhecimento das culturas da infância sendo produzidas pelas crianças, em interações com os seus pares, pois é desse modo que os bebês vão experimentando novas formas de interagir com o mundo e com as pessoas. Por isso a importância de que as professoras estejam atentas aos movimentos relacionais do grupo e favoreçam o desenvolvimento afetivo, corporal, cognitivo. Saliento que as experiências dos bebês não se limitam aquelas em que os profissionais direcionam as proposições, mas que acontecem a todo o momento nas relações estabelecidas, inclusive as que os envolvem entre si. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil:

As instituições de Educação Infantil devem tanto oferecer espaço limpo, seguro e voltado para garantir a saúde infantil quanto se organizar como ambientes acolhedores, desafiadores e inclusivos, plenos de interações, explorações e descobertas partilhadas com outras crianças e com o professor. Elas ainda devem criar contextos que articulem diferentes linguagens e que permitam a participação, expressão, criação, manifestação e consideração de seus interesses. (BRASIL, 2009, p. 91).

Assim, um dos papéis exercidos pelas professoras é o de ampliar as experiências das crianças desenvolvendo e alargando as possibilidades com múltiplas linguagens, permitindo que sintam e participem de diferentes vivências com seus pares, pois as linguagens se desenvolvem nas relações com o outro.

Por isso, as professoras são as propositoras para as crianças que estão apenas iniciando sua vida como cidadãos. Richter e Barbosa (2009, p. 87) afirmam que:

É um ato de disposição colocar-se na perspectiva de que também nós, adultos, pela condição de humanos, já esquecemos, já deixamos de saber. Nesse caso, os bebês nos ensinam a reaprender outros modos de sentir, perceber e agir no mundo.

As referidas autoras vão nos ajudar a compreender que a docência com os bebês é possibilitar novos desafios, aprender maneiras diferentes de se relacionar e interagir com o outro. E é por isso que ao afirmar que o ser humano é constituído de múltiplas linguagens, é preciso perceber que ao ir à creche, os bebês irão interagir e estabelecer suas relações, e assim

ampliar suas vivências possibilitando novos aprendizados. Desse modo, perspectivamos romper com pedagogias adultocêntricas, escolarizantes e higienistas para reconhecer os bebês como seres constituídos de linguagens, ativos e criativos na sociedade.

Portanto é papel das professoras pensar e refletir sobre suas práticas, fazer com que a rotina seja constantemente observada, pensada e replanejada. Rompendo com uma visão centrada no adulto, de uma relação verticalizada e sim um reconhecimento da alteridade infantil e da importância e significação das trocas de experiências entre crianças e adultos, crianças e crianças e crianças com os objetos e espaços. Nesse viés, o conceito de ausculta, segundo a Pedagogia da Infância, deve ser contemplado nas práticas pedagógicas, com olhar atento a captar as ações das crianças, o que estão a nos dizer, pois as crianças nos são pistas e por isso estar atenta a essas observações pode nos ajudar a nos aproximar das elaborações que as crianças realizam acerca do mundo e das suas relações neste e com este (SCHMITT, 2008). Por isso a docência com as crianças pequenas é algo que envolve sutileza e intencionalidade nas ações. Pois as crianças;

[...] têm que aprender a falar, a cantar, a desenhar, a modelar, a dramatizar, a dançar, ou seja, têm que aprender a narrar o vivido e o que pode ser vivido para situar-se na convivência coletiva. Nos encontramos lançados, desde o nascimento, à abertura das linguagens que nos permitem compartilhar sentidos e participar do mesmo mundo. Assim, cada um de nós configura os acontecimentos dispersos da sua vida tecendo uma interpretação pessoal. Nessa perspectiva, a vida humana não se circunscreve nos limites do biológico: torna-se humana em sua abertura às múltiplas linguagens. (RICHTER; BARBOSA, 2009, p. 92).

Logo, ser professora de bebês é estar disposto a se desafiar nos seus próprios limites, disposta a aprender com as crianças pequenas, pois acima de tudo é preciso um exercício contínuo de disponibilidade e interesse por parte das professoras em se aproximar das formas comunicativas dos bebês, sem deixar que o cuidado excessivo prive as crianças de novas experiências. Richter e Barbosa (2009) vão nos ajudar a compreender também que a docência com os bebês é algo a ser refletido a todo instante, pensando, planejando, ampliando e observando, pois,

As crianças pequenas solicitam aos educadores uma pedagogia sustentada nas relações, nas interações e em práticas educativas intencionalmente voltadas para suas experiências lúdicas e seus processos de aprendizagem no espaço coletivo, diferente de uma intencionalidade pedagógica voltada para resultados escolares individualizados. Aqui, a função docente é co-produtora de currículo e se efetiva na construção de um espaço educacional que favoreça, através da interlocução com as crianças e as famílias, experiências provocativas nas diferentes linguagens enraizadas nas práticas sociais e culturais de cada comunidade. (p. 91)

Ao falarem da “intencionalidade pedagógica voltada para resultados escolares individualizados”, as autoras se referem sobre a atual sociedade capitalista, que traz enraizado a necessidade do trabalho produtivo para valorização do ser humano, sempre buscando os resultados, ou seja, o produto final. E elas afirmam que a docência com os bebês é diferenciada neste âmbito também, já que as crianças menores não produzem da mesma forma que as maiores. O significativo para os bebês é o processo, e é com o processo que ocorre a aprendizagem. Por isso é importante que as professoras sejam as mediadoras no processo, permitindo que a criança seja criativa nas suas ações e deixando-a livre nas suas escolhas. As práticas pedagógicas na docência com bebês é diferenciada, já que os bebês nos fazem questionar o currículo e principalmente nossas ações. Exigem que sejam pensadas novas maneiras de estarem em sala, novas formas de organizar os tempos e espaços, possibilitando experiências e experimentações para as crianças, provocando aprendizados. É preciso refletir sobre as interrogações que os bebês fazem à educação. E por isso o currículo pensado para as crianças pequenas exige novas formas,

A expectativa é destacar o currículo da creche como um lugar e um tempo que tenha como foco não apenas a presença e a participação da criança pequena, mas também a opção pedagógica de ofertar uma experiência de infância rica, diversificada, complexificada pela intencionalidade de favorecer experiências lúdicas com e nas múltiplas linguagens, favorecendo a construção de narrativas que possam oferecer sentido à vida e às aprendizagens. Uma infância na qual a qualidade da atenção às crianças de zero a três anos seja discutida e socialmente partilhada, ou seja, um estabelecimento aberto para a discussão com a família e a sociedade. Sobre qual infância e formação queremos oferecer às crianças. (RICHTER; BARBOSA, 2009, p.93).

E é nessa afirmação das autoras que gostaria de refletir: “qual infância e formação queremos oferecer às crianças?” Significa compreender a importância que todas as ações das docentes sejam refletidas na educação das crianças pequenas. Perceber que as professoras nas ações diárias, como as trocas, conversas, brincadeiras, encaminhamentos, alimentação, hora de dormir, nos momentos coletivos, nas diferentes propostas tem envolvimento direto nas relações com os bebês e é nessas relações que encontramos a ampliação dos repertórios das múltiplas linguagens. É nas atitudes das professoras que percebemos quais suas concepções de criança e infância.

A pesquisa de Tristão (2004), dentre muitas contribuições do ser professora de bebês, relata a importância e significação da docência, assegurando que;

[...] a pobreza de experiências para o ser humano faz com que ele contente-se com pouco, construa com pouco. Pensemos a pobreza de experiências na educação infantil: estamos buscando uma educação para a emancipação e não para a subalternidade. Dessa forma, não queremos que as nossas crianças contentem-se, conformem-se com pouco ou quase nada, já que não tiveram mais por falta de oportunidades; também não queremos que elas sejam passivas diante do mundo, já que não puderam provar o sabor de conhecer os bens da humanidade, fazendo assim, suas escolhas; finalmente não queremos que as suas experiências de infância sejam marcadas pelo desafeto, pela desesperança, pelo descaso, pela humilhação e pela negligência, que deixam suas cicatrizes e estigmas. Queremos, sim, que as crianças pequenas possam passar por várias e ricas experiências. (p. 9).

Sendo assim, é preciso que as professoras utilizem as ferramentas da ação docente; como a observação, registro, planejamento e avaliação para compor seu trabalho diário. Ter compreensão e reconhecimento dos bebês em suas relações, para isso é preciso à sutileza nas observações e ações para garantir que sejam desenvolvidas novas experiências enriquecedoras dos repertórios das múltiplas linguagens. A auscultação, segundo a pedagogia da infância, é mais um dos conceitos que se faz primordial para a reorganização das ações pedagógicas.

De acordo com Rocha (2008, p. 45):

[...] o termo ausculta não é apenas uma mera percepção auditiva nem simples recepção da informação- envolve a compreensão da comunicação feita pelo outro. Inclui a recepção e compreensão, que, principalmente neste caso- o da escuta da criança pelo adulto sempre passará por uma interpretação. Tal análise da expressão oral do outro/criança orienta-se pelas próprias intenções colocadas nessa relação comunicativa- lembrando que, quando o outro é uma criança, a linguagem oral não é central nem única, mas fortemente acompanhada de outras expressões corporais, gestuais e faciais.

Desse modo, considerando a compreensão da significação que possui a ausculta, ao pesquisar as práticas das professoras de bebês, meu objetivo é perceber a relação e compreensão que as professoras possuem referente às múltiplas linguagens. Schmitt (2008) em sua pesquisa traz uma pertinente indagação sobre as professoras de bebês, nos fazendo refletir sobre esse papel na sociedade;

[...] nas relações desses adultos e bebês no momento de cuidado houve uma tentativa dos primeiros em respeitar o tempo das crianças, ao perceberem quando sentem sono, quando estão incomodados com o suor num dia de calor e são convidados para tomar banho, ao serem trocados sempre que necessitam, ao ganharem um colo num momento de choro, ao identificarem jeitos diferentes de comerem e dormirem, etc. É impressa pelos adultos nessas relações uma posição de empatia com os bebês, nas tentativas de entendê-los por meio de uma escuta sensível. (p. 119)

Essas são questões que precisam fazer parte do contexto educativo e das práticas pedagógicas de cada professora no contexto coletivo da creche. As pesquisas no campo da Pedagogia da Infância trazem questionamentos e caminhos para uma prática que considere a criança, na sua singularidade, produtora de sua cultura, num movimento que a área faz de se aproximar das crianças e respeitar suas singularidades. E ao afirmar os bebês como produtores de cultura, estamos compreendendo que existem formas diferenciadas das crianças atuarem na sociedade, as formas com as quais interpretam e; segundo Batista et al. (2002, p. 54):

Nós, professores, ainda temos dificuldade em compreender e legitimar as diferentes formas de as crianças viverem e atuarem no mundo. Suas práticas, marcadas pelas expressões das múltiplas linguagens, da simultaneidade, provisoriamente e pelo imprevisível, sempre foram tratadas como problema, cabendo à educação a tarefa de modificá-las, dominá-las no sentido do enquadramento social. Nessa perspectiva, educar tem como objetivo frear a imaginação, a fantasia, controlar o movimento, regular as múltiplas manifestações infantis, uniformizar suas temporalidades, desejos e sonhos. Talvez por isso os espaços e os tempos da educação infantil ainda revelem tanto a ordem, a estética, a previsibilidade, o controle da lógica adultocêntrica. Pensar a educação infantil como espaço acolhedor de emancipação exige a recusa das práticas reguladoras, homogêneas, universalizantes e impessoais. Para tanto, faz-se necessário buscar nas crianças, nas suas práticas, nos seus modos de ser, a possibilidade da construção de novos tempos e espaços em que elas sejam respeitadas como crianças e possam viver como crianças. Não queremos uma educação que prepare para a emancipação, queremos que as crianças vivam a condição de sujeitos de direitos e principalmente o direito de aprender a ser criança e viver intensamente essa experiência.

Conforme as autoras, nessa perspectiva, desejamos uma educação plena de aprendizados e experiências envolvendo as múltiplas dimensões humanas. Em que os movimentos e os desejos momentâneos das crianças não sejam reprimidos com pedagogias adultocêntricas, que considerem a criança como um “vir a ser”, mas que compreenda a infância como o momento de ser criança, de aprender e provar de sua infância. Ao considerar isso, teremos aprendizados significativos. Por isso é importante o respeito e valorização dos bebês e suas formas de se expressar, é necessário o olhar apurado as suas ações e assim, Tristão (2004, p. 2), compreende que:

Quando nos relacionamos com os bebês, que ainda não se utilizam da linguagem oral tal qual dominamos, esse olhar apurado se faz ainda mais necessário, pois eles compõem-se e se expressam de outras formas de linguagens, através do corpo, dos olhares, gestos dentre outras. Nesse sentido, os profissionais que lidam com essas crianças, precisam alfabetizar-se nessas diferentes linguagens que as constituem.

Em sua pesquisa, Tristão busca elementos que formariam a especificidade da docência com bebês, segundo ela, as linguagens que os bebês utilizam é tão, ou mais complexa que a fala. Mostrando-nos que o que caracteriza o papel docente com as crianças pequenas é a intencionalidade nas relações mais cotidianas e corriqueiras, como por exemplo, na voz que avisa ao bebê quando irá tocá-lo, na espera da professora pelo bebê que está numa situação de interação com outro bebê ou mesmo com algum objeto, antes de chamá-lo para uma troca de fraldas, na proposta de um banho ao bebê num dia quente, no cuidado que a professora tem em organizar o espaço com materiais ricos e ao alcance dos bebês etc. Essa intencionalidade que enuncia e marca a postura da professora, baseada numa concepção de criança capaz. Sendo que o trabalho deste profissional com os bebês é marcado por sutilezas e por isto, é tão complicado de ser refletido e avaliado (TRISTÃO, 2004).

Já que as práticas pedagógicas devem oportunizar vivências e experiências das mais diversas, pois o bebê, sobretudo, possui poucas experimentações do mundo, cabe novamente refletir no papel do professor, que lugar ele ocupa?

O professor deve além de ampliar e enriquecer os repertórios sociais, cognitivos, estéticos, lúdicos, emocionais das crianças, ter um envolvimento direto e ativo nas relações estabelecidas diariamente tais como: higiene, alimentação, brincadeiras, interações, descobertas, conversas e linguagens. E ainda partilhar com as famílias o cotidiano no que diz respeito ao cuidar e educar das crianças. (FANHANI; SOUZA, 2012, p. 10).

Além disso, outra dimensão a pensarmos na docência com as crianças são os eixos norteadores da organização das práticas pedagógicas: brincadeira, interação e linguagens. Enquanto professoras, perceber que as aprendizagens acontecem a partir da interação com os outros, sejam adultos ou crianças e das intervenções e mediações externas. O papel da professora no contexto de educação infantil é sempre o de planejadora, propositora e mediadora desses processos de aprendizagens, os quais necessitarão estar interligados para que possam trazer “sentido” e significado para as crianças. Educar assume assim, o caráter de oportunizar o desenvolvimento das múltiplas dimensões humanas, utilizando-se das linguagens: oral, escrita, musical, plástica, teatral, corporal, etc. De tal modo, que as instituições de educação infantil garantam e valorizem o desenvolvimento da criança em seus aspectos cognitivos, físicos, sociais, culturais e afetivos.

As ações pedagógicas necessitam de um olhar sensível para perceber o que as crianças sempre estão a nos mostrar, em suas relações. Assim, estaremos trabalhando as diferenças nas formas de organização social, respeito à diversidade, manifestações culturais e normas de

funcionamento grupal e social, a ética da solidariedade e tolerância.

Pensar a prática pedagógica com os bebês vem ao longo do tempo se configurando por constantes discussões acerca das especificidades desses sujeitos, também de direitos. No que diz respeito ao âmbito do planejamento, muitas ainda são as dúvidas, inquietações e anseios daqueles que atuam como profissionais da educação infantil.

4 CAMINHOS METODOLÓGICOS

A metodologia da pesquisa é de caráter qualitativo, ou seja, segundo Graue e Walsh (2003), é um trabalho interpretativo e tem o objetivo de preencher as lacunas e obter melhor entendimento dos processos. Neste estudo o foco é aprofundar nas informações obtidas com as professoras analisando-as a luz do referencial teórico.

Utiliza de entrevistas com professoras que trabalham com faixa etária de 0 a 3 anos em creches públicas de Florianópolis. Considera-se que a análise está na perspectiva aproximativa das interpretações realizadas pelas profissionais sobre suas práticas, e minha reflexão e interpretação é fundamentada em autores citados na introdução desse estudo, do campo da Pedagogia da Infância, que vem contribuindo para minha formação.

Em relação aos caminhos para a efetivação da entrevista, primeiramente foi feito um contato pelo telefone com a instituição, que mostrou interesse em participar e encaminhou as profissionais entrevistadas. Então foi marcado um dia para ir até a creche fazer as entrevistas. As perguntas foram baseadas nos interesses deste estudo. Diante das especificidades das crianças da creche, o melhor horário para as entrevistas, conforme as professoras, seria após o lanche matutino, por volta das 9h, e assim foi concretizado. As entrevistas foram feitas individualmente com cada professora na sala da coordenação da instituição. Todas as três professoras foram entrevistadas de forma tranquila e sem interrupções. As falas foram gravadas e depois transcritas, e serviram de análise para a produção deste estudo.

O objetivo da entrevista foi aprofundar nas questões condizentes com esta pesquisa, buscar nas falas aquilo que nos questionários não era possível captar. E assim dialogar com a prática docente envolvendo as múltiplas linguagens.

É preciso conhecer quem são essas professoras de bebês, o período que trabalham na rede, se são efetivas ou substitutas, grau de escolaridade e quanto tempo possuem na docência com bebês. Estas são informações necessárias para compreender minimamente o contexto de cada professora entrevistada. Os nomes fictícios foram escolhidos pelas próprias professoras, e servirão para identificar cada profissional.

Entrevista 1: **Professora Maria Vitória**

Nível de escolaridade: especialização

Formada de 5 a 10 anos em instituição privada a distância.

Atualmente é substituta na rede de Florianópolis e trabalha 50 horas.

Trabalha a três anos com faixa etária zero a três.

Turma: G1 (grupo de criança de 4 meses a 1 ano e meio)

Entrevista 2: **Professora Antonela**

Nível de escolaridade: especialização

Formada de 10 a 15 anos em instituição privada presencial.

Atualmente é efetiva na rede de Florianópolis e trabalha 40 horas.

Trabalha a cinco anos com faixa etária zero a três.

Turma: G1 (grupo de criança de 4 meses a 1 ano e meio)

Entrevista 3: **Professora Maria Clara**

Nível de escolaridade: especialização

Formada de 10 a 15 anos em instituição pública presencial.

Atualmente é efetiva na rede de Florianópolis e trabalha 40 horas.

Trabalha a oito anos com faixa etária zero a três.

Turma: G2 (grupo de criança 1 ano e meio à 2 e meio)

Essas informações são importantes para nortear a leitura, compreendendo que a prática pedagógica é uma prática social complexa, a qual acontece em diferentes espaços e tempos, no cotidiano de professores e crianças nela envolvidos (DUARTE, 2011).

Após as entrevistas e transcrições, entrei novamente em contato com as professoras para que pudessem ler e autorizar às transcrições, estas fizeram pequenas alterações nas suas falas. Depois solicitei para que fosse encaminhado o Projeto Político Pedagógico (PPP) da unidade, pois entendo que é preciso contemplá-lo, já que este é um importante aporte teórico para essas professoras.

A unidade de trabalho das professoras está situada em Florianópolis, e foi eleita por ser uma das poucas da rede municipal de ensino de Florianópolis que atende apenas a faixa etária de 0 a 3 anos, ou seja, a educação é centralizada para os bebês. Os dados da instituição e os nomes das professoras serão omitidos, por conta do novo currículo de pedagogia, somos a segunda turma a elaborar o trabalho de conclusão de curso, e os trâmites para a aprovação no comitê de ética desta universidade ainda estão sendo pensados e encaminhados.

Do PPP julgo que é pertinente ressaltar algumas perguntas, tais como; o que aparece de múltiplas linguagens no PPP? Como a consideram? Onde e como se fazem presentes? Com estas perguntas, fui à busca de observar e ler atentamente esse documento, considerando a

criança em seu desenvolvimento presente (cuidando e educando), advindo das relações estabelecidas e da sua realidade cultural. Ressaltando a importância e a função social da creche, a criança se constitui como tal nas relações que estabelece com o mundo desde que nasce. É um ser que aprende e porque aprende, se desenvolve nas relações estabelecidas com os aspectos afetivos, cognitivos, sociais, culturais, históricos da criança.

O PPP da instituição ressalta claramente a importância das múltiplas linguagens para o desenvolvimento do ser humano. Num primeiro momento encontramos a seguinte afirmação no documento:

A partir da Constituição de 1988 e a criação da LBD em 1996, a Educação Infantil passou a valorizar em primeiro lugar a construção da identidade, da autonomia e promover o desenvolvimento integral da criança por meio do trabalho com as múltiplas linguagens sem a preocupação do vir-a-ser. (PPP, 2012. p. 5)

O documento ressalva também que as primeiras mediações se dão pelos gestos das crianças, que os outros irão interpretar, verbalizando suas ações e criando situações para a construção dos significados. Assim, esses parceiros irão apresentar o mundo às crianças, mediando os conhecimentos através da linguagem. Por isso,

[...] é essencial que esteja inserido na rotina [...] momentos e atividades significativas para que as crianças possam desenrolar enredos de brincadeiras e faz-de-conta. Para isso é necessário que o espaço educativo esteja sempre organizado de modo a propiciar momentos interativos e criativos para que as crianças possam desenvolver suas brincadeiras favoritas. (PPP, 2012.p. 7)

Sempre na perspectiva objetiva a educação plena das crianças e o acesso as diferentes experiências. Outro ponto que me chama atenção no documento da instituição é parte que diz: *“Garantir às crianças o direito à infância através de um espaço que priorize as suas múltiplas dimensões, resgatando cultura, construindo identidade, fantasia, criação, imaginação, enfim, tudo aquilo que é próprio do ‘ser criança’”* (PPP, 2012.p. 8).

O PPP da instituição garante como princípios o desenvolvimento pleno das crianças em relação às múltiplas linguagens. Depois de obter todos esses dados e informações, fui então para a análise das entrevistas.

5 ANÁLISE DA PESQUISA

5.1 SER PROFESSORA DE BEBÊS, SUAS ESPECIFICIDADES

Ser professora de bebês se diferencia de ser professoras dos outros grupos, pois os tempos e as práticas se configuram de maneiras diferentes. Os bebês possuem especificidades ímpares. É preciso compreender sobre essas especificidades de ser professora de bebês e as dimensões educativas que constituem essa docência. Dentre muitas características que são específicas dessa faixa etária, a que ganha ênfase é em relação aos cuidados atrelados com a rotina.

Segundo Schmitt (2008, p. 121):

O que caracteriza fortemente essas relações de cuidado é a proximidade dos adultos com os bebês permeada pela intimidade da relação corpóreo-afetiva. Elas se diferenciam das relações estabelecidas nos grupos de crianças maiores, em que as ações de cuidado são organizadas de forma mais coletiva, envolvendo um grupo maior num mesmo momento.

Desse modo, percebe-se que dentre muitas características que diferenciam os bebês das crianças maiores, o cuidado é algo que ganha destaque no grupo dos bebês, já que estes são mais dependentes dos adultos para se alimentar, vestir, ir ao banheiro, ou seja, os cuidados individuais. Duarte (2012) também traz contribuições acerca dos cuidados na composição da docência,

A dimensão das relações de cuidado destaca-se por três vieses, primeiro por serem os momentos de cuidado um concentrador das ações das professoras, já que a alimentação e higiene são apontados pelas professoras como os momentos que tomam a maior parte do tempo das suas ações. Segundo, o que denominou-se de ação individual dentro de um coletivo pelo fato de o bebê ter necessidades (físicas, biológicas, emocionais) individuais, que em muito dependem de um adulto para auxiliar, e esse mesmo bebê encontra-se num contexto educativo coletivo, a creche, que também precisa atender às necessidades desse grupo. E sendo os momentos de alimentação e higiene o que concentram as ações das professoras estes são em grande medida permeados por relações individuais entre adulto e bebê. Por último, toma-se o cuidado como ação docente reafirmando-o como uma dimensão educativa na ação docente das professoras de bebês, pois é imperativo que se assuma de vez que relações de cuidado fazem parte da constituição profissional da professora de educação infantil. (p. 8).

Ao afirmar que os momentos de cuidado é concentrador das ações das professoras é preciso considerar as singularidades de cada criança, destacando que são nesses momentos de cuidados que estão presentes as linguagens de forma a ampliar e significar. Assim, Duarte (2011) garante que a docência com os bebês pauta-se na afirmativa de que todas as ações que envolvem o cotidiano se constituem por dimensões educativas. A autora destaca que a docência com os pequenos se constitui na interação humana vinculada a uma intencionalidade que expressa uma função social. Desse modo;

Com relação aos bebês, os adultos profissionais exercem uma função importante ao darem significados a essas sensações de desconforto por intermédio de suas respostas às crianças, ao defini-las e respeitá-las como seres humanos que sentem. Aos bebês que ainda não falam, que não expressam verbalmente seus sentimentos, desejos e necessidades, a posição de empatia dos profissionais torna-se imprescindível para sua constituição. (SCHMITT, 2008. p. 119).

Assim, destaco que a docência com as crianças pequenas caracteriza-se pelas relações estabelecidas, dando visibilidades às linguagens expressivas. Por isso,

[...] compreende-la na sua plenitude, nas suas diversidades, nos seus jeitos de ser, exige que nós encontremos novas formas de aproximação dos universos infantis buscando estranhar o que nos parece familiar, pois todos os dias vemos crianças, chorando, dormindo, comendo, desenhando[...] e isto não tem ressonância, não tem eco na organização do trabalho pedagógico. (CERISARA, 2002. p. 4)

A professora dos bebês precisa conhecer e compreender a criança e o contexto sociocultural em que ela está inserida. Ter uma postura de disponibilidade e de auscultação com as crianças. Salienta-se que o pressuposto aqui assumido é de uma docência para a infância que se entrelaça com o proposto por Rocha (1999), ao conceber uma Pedagogia da Infância.

[...] aos processos gerais de constituição da criança: a expressão, o afeto, a sexualidade, a socialização, o brincar, a linguagem, o movimento, a fantasia, o imaginário... as suas cem linguagens. Não é, portanto, o objetivo final da educação da criança pequena, muito menos em sua “versão escolar”, mas apenas parte e consequência das relações que a criança estabelece com o meio natural e social, pelas relações sociais múltiplas entre as crianças e destas com diferentes adultos (e destes entre si). Este conjunto de relações que poderia ser identificado como o objeto de estudo de uma “didática” da educação infantil, é que, num âmbito mais geral, estou preferindo denominar da Pedagogia da Educação Infantil ou até mesmo mais amplamente falando, uma Pedagogia da Infância, que terá, pois, como objeto de preocupação a própria criança: seus processos de constituição como seres humanos em diferentes contextos sociais, sua cultura suas capacidades intelectuais, criativas, estéticas, expressivas e emocionais. (p. 62).

Por isso, por todas essas dimensões educativas, que a formação das professoras deve se articular com diferentes conhecimentos. Portanto;

Podemos inferir que a concepção que caracteriza a docência na educação infantil como multiplicidade de funções está diretamente relacionada ao entendimento de criança global em suas múltiplas dimensões e potencialidades. A partir desse entendimento parece que os sujeitos das pesquisas partem do pressuposto de que as crianças nessa faixa etária necessitam que suas múltiplas dimensões: linguística, intelectual, expressiva, afetiva, emocional, corporal, social, cognitiva, gestual, sejam contempladas e devam ser consideradas nas ações direcionadas a elas (FERNANDES, 2010 apud DUARTE, 2011. p. 45).

Para isso, reafirmo que na docência com a Educação Infantil é imprescindível o uso de ferramentas de ação, como a observação sistemática e permanente, planejamento, o registro e a avaliação. São elas que vão permitir que o professor seja reflexivo sobre sua prática. Para além da necessidade do uso dessas ferramentas, Tristão (2004) vai nos dizer sobre a sutileza que está presente nas ações cotidianas e que revelam a importância do trabalho docente com bebês.

Virar uma criança, colocá-la mais perto do grupo, perceber seus sinais corporais, estar atenta à temperatura ambiente para deixá-la com uma roupa confortável, cobri-la em um dia de frio e outras tantas ações podem fazer a diferença entre a atenção, característica de uma prática humanizadora, plena de significados e o descaso, característico das práticas desumanizadoras, para cada um daqueles meninos e meninas. (TRISTÃO, 2004. p. 135).

Assim, o papel de ser professora é que seja propositora e que possibilite os tempos e espaços estimulantes e desafiadores para as crianças. Considerando a alteridade de cada criança, seus tempos e modos diferentes de interagir com o mundo. Ser professora é permitir que as crianças tenham diferentes experiências no contexto da creche. Sentir o prazer do contato com outros seres humanos, o encanto de uma boa gargalhada compartilhada com alguém que se confia, degustar de forma prazerosa uma boa alimentação, na higiene possibilitar encontros tranquilos com a água ao lavar as mãos ou tomar um banho, sentir a natureza.

Por isso, ser professora de bebês é algo que necessita de riqueza nos repertórios das docentes ampliar o repertório das crianças, o que necessita atenção na ampliação dos seus próprios repertórios sistematicamente. Dessa forma, desejamos que as crianças tenham oportunidades de vivências nas diferentes manifestações humanas, que as mesmas vivam várias e ricas experiências.

Penso que neste estudo, é necessário saber o que levou essas professoras a serem docentes com bebês, ou seja, se foi opção própria estar com essa faixa etária. Na entrevista, todas afirmaram que estar com os bebês foi opção própria, pois gostam dessa faixa etária. Afirmaram também que no início tinham receio, pois para elas o trabalho é diferente. Mas as três professoras garantiram gostar da docência com os bebês. Contudo, levantaram algumas dificuldades encontradas no cotidiano educativo; todas pensam ser necessário mais uma profissional em certos momentos. Os apontamentos informam algumas das especificidades da ação docente com os bebês:

Maria Vitória: *Na nossa faixa etária, que é de 0 a 1 ano e pouquinho, o ideal seria 3 profissionais, porque pra dois profissionais tudo é muito corrido. Às vezes nós queremos proporcionar uma coisa diferente, mas, nem sempre dá pra proporcionar todos os dias, porque é muito corrido, temos uma rotina que é lanche, daqui a pouco deu o lanche, é troca, e daí sai da troca, daqui a pouco já é o almoço, e depois é a hora do sono, então, tudo é assim muito corrido. E uma coisinha que a gente faz fora da rotina, isso já acontece alguma coisa dentro da sala mesmo, que às vezes é até pra higienização, isso já quebra todo aquele teu horário, então o ideal mesmo seria 3 profissionais, mas claro, a prefeitura não disponibiliza.*

Nessa fala da professora Maria Vitória, percebe-se o quanto a rotina se faz presente, e quando esta diz que: “E uma coisinha que a gente faz fora da rotina,[..] isso já quebra todo aquele teu horário” Cabe refletir sobre o que são as coisinhas e o que é a rotina? Estão separadas? Nessa separação, compreendo que a rotina seriam aqueles momentos que envolvem os cuidados diários; higiene, alimentação, sono. Ou seja, as ações que se repetem várias vezes todos os dias, e necessitam de um cuidado individualizado e com o corpo. Mas, e as outras proposições consideradas diferentes? Seriam aquelas propostas que envolvem o pintar, desenhar, encenar, entre outras possibilidades? Ao refletir sobre isso, considero que essas diferentes propostas são essenciais para o contexto educativo, mas quando a professora diz que às vezes quer proporcionar uma coisa diferente, e alega que nem sempre dá por conta da rotina, enxerga-se a rotina como um empecilho para essas outras proposições. E na verdade a rotina é um elemento parte das relações e interações estabelecidas entre crianças e crianças, e crianças e adultos.

Veremos a fala da outra professora:

Antonela: *Eu vou ser bem sincera contigo, são muitas crianças. Por que nós somos em duas profissionais, Então assim, quando vem as 15 não vou te dizer que é fácil não, porque é outro movimento, é diferente, até porque numa instituição, tu trabalha em função do horário. Então por mais que a gente queira deixar mais um tempo, não dá. Mas quando tem os 15 em sala fica bem atropelado, e a gente tem que tomar o cuidado e também se policiar quando ta os 15 não ficar só com os cuidados, que também ta atrelado. Então assim, lógico, volta lá pra tua primeira pergunta agente é multe, tu não és só. Mas é difícil, não é fácil, quando vêm as 15 crianças, e até pela questão do espaço, tu olha ali aquela sala, quando eles chegam bebezinhos é uma coisa, porque eles engatinham, mas quando eles começam a andar, o espaço fica menor. Seria bom três professoras, é o que nós estamos lutando, o sindicato também ta nessa luta.*

A professora Antonela nos faz refletir quando diz que: *“porque numa instituição, tu trabalha em função do horário. Então por mais que a gente queira deixar mais um tempo, não dá. Mas quando tem os 15 em sala fica bem atropelado, e a gente tem que tomar o cuidado e também se policiar quando ta os 15 não ficar só com os cuidados, que também ta atrelado”* E dessa forma, igualmente traz a separação das relações que envolvem o cuidado como algo que impossibilite outras possibilidades. Ainda que ela diga estar atrelado, ela inviabiliza as intersecções das diferentes relações, pois considera que uma impede ou dificulta as demais possibilidades de relações.

Maria Clara: *É muito relativo. Às vezes a gente acha que dois profissionais em uma sala com 15 crianças é insuficiente, porque têm as trocas. Mas é muito relativo porque depende do movimento do grupo. Lógico, tem momentos que realmente necessita mais, que são os momentos dos cuidados pessoais, a higiene e a alimentação. Agora, todo o período, acredito que não seja necessário.*

A professora Maria Clara também faz essa separação ao afirmar a importância de uma terceira pessoa em certos momentos, deixando evidente que são nos cuidados individuais que ocorre essa maior necessidade, mas que não é preciso em todo o período.

Através da fala das três professoras, percebe-se que elas relatam a necessidade de uma terceira professora em sala, principalmente nos momentos de cuidados. Porém é importante e necessário que as relações cotidianas que envolvem o cuidado com o corpo, e que se repetem

varias vezes ao dia, ganhe visibilidade na educação dos bebês, diante da sua dimensão e não pode ser considerada como empecilho para outros momentos. A relação em todo contexto educativo deve ser significativa, por isso o professor precisa pensar nos tempos, espaços e disponibilização dos objetos. A professora precisa compreender que as relações entre o bebê e o adulto são de interdependência, onde os bebês dependem dos adultos para as ações que não conseguem ainda fazer e o adulto depende dos bebês para compor sua prática pedagógica.

5.2 O QUE AS PROFESSORAS COMPREENDEM POR MÚLTIPLAS LINGUAGENS COM BEBÊS

Como o tema central deste estudo são as práticas pedagógicas com as múltiplas linguagens, farei recortes das entrevistas realizadas com as professoras para abarcar e aprofundar sobre as mesmas. A partir dos conhecimentos e estudos citados anteriormente nesta pesquisa, é essencial perceber a importância da ampliação dos repertórios das linguagens nos contextos educativos. Sendo assim é necessário compreender qual a percepção que as professoras possuem referentes às múltiplas linguagens, que são as bases da formação humana.

Ao serem indagadas sobre o que consideram ser o foco na educação dos bebês, diferentes respostas surgiram: desde o desenvolvimento das crianças, a criança e o acolhimento das famílias para relações de confiança e também o trabalho com o cuidado, a proteção, trabalhando as necessidades corporais. Assim, compreendo que o papel do professor é amplo e complexo, basta perceber que nas entrevistas, três professoras de uma mesma instituição, consideram diferentes focos na educação com os bebês. Afirmando que não existe apenas um foco na educação, pois todas as ações dos adultos são refletidas na educação das crianças, as professoras devem se preocupar com a expansão e diversificação das experiências, que resultam em aprendizagens e desenvolvimento. Portanto compreendo que assim como somos seres humanos constituídos de múltiplas expressões, a docência na educação infantil também possui múltiplas funções. Duarte (2011), nos diz do papel do professor como inventor das suas práticas:

A professora de educação infantil precisa conhecer e compreender a criança e o contexto sociocultural em que ela está inserida. Entende-se o professor como

artesão, o que revela ser ele um inventor (e não reproduzidor) das práticas. Para tanto, ser professora de educação infantil nessa perspectiva é inventar e reinventar com as crianças. (p. 45)

Segundo a referida autora, a consolidação da docência com os bebês pauta-se na afirmação de que todas as ações que envolvem esse cotidiano se constituem por dimensões educativas. Por isso é importante estudar as práticas pedagógicas com os bebês, saber como se constitui as especificidades.

As professoras, quando perguntadas sobre como trabalham com as múltiplas linguagens na prática, responderam:

Maria Vitória: *Com os bebês a gente trabalha através do canto, trabalhamos com chocalhos, a gente cria com eles chocalhos com materiais reciclados. Também tem os vídeos que a gente passa pra eles, músicas, muita música, muita música, eles adoram... Histórias também, apesar de serem bebês, eles tem o tempo de ficarem concentrados nas histórias, um tempo bem pequeno, mas ficam. E fantoche, teatro, vamos introduzindo várias formas diferentes.*

Maria Clara: *Trabalho bastante com história e partir das histórias eu vou desenvolvendo outras atividades relacionadas a história. Atividades com artes plásticas, música, trabalho bastante a música com eles, canto, às vezes a gente experimenta alguns instrumentos musicais, assistimos dvds, observamos os movimentos, os sons, os sons do nosso corpo. Eu gosto bastante de explorar os sons com a boca, com todas as partes do corpo, palmas.*

Em ambas as professoras, relacionam o termo múltiplas linguagens as práticas atividades programadas, e que são essenciais para ampliação dos repertórios das múltiplas linguagens. Contudo me chamou atenção a percepção da outra professora, que foi mais além, e sua fala trás outro apontamento:

Antonela: *Penso que a gente é multi, tu não tens como dizer: hoje eu vou trabalhar só o cognitivo, hoje nós vamos fazer só uma prática estética, a gente é tudo! Então assim, procuramos fazer de tudo! As diretrizes pedagógicas da educação infantil nos traz os princípios estético, ético, e político, então discutimos sobre esses princípios entre nós educadores. “Ah, mas tu queres trabalhar ética com bebê? Estética com bebê? Política com bebê?” Mas claro que dá sim! Se tu já percebes que ele já é o cidadão,*

ele deve ser respeitado e tratado como cidadão. Até como você coloca a disposição dos materiais pra receber essa criança. “Olha, ele come em quê? Em prato de vidro ou prato de plástico?” Quando a criança quer a bolacha, mas não quer o pão, você insisti ou deixa ele optar entre o pão ou a bolacha? Você não dá? Então, acho que desde muito pequeno, podemos ir trabalhando essa questão. Também, desde a organização desse espaço da instituição, ou seja, como colocamos a disposição os materiais, tipos de músicas diferentes das que eles normalmente escutam em casa, instrumentos, enfim buscar outros recursos para enriquecer o seu desenvolvimento.

Nessa fala percebemos que a professora afirma que não tem como trabalhar separado, pois tudo envolve as linguagens, ou seja, as expressões humanas. A professora complementa sua fala afirmando sobre o tempo e também sobre o papel da creche;

[...] não que nós não façamos um teatro, tu até busca, adapta uma história, mas vamos ver como é que vem, um malabarista, um mágico, uma apresentação do boi de mamão por outras crianças maiores, etc. As vezes tem crianças na instituição que não tem acesso e o papel da escola também é disponibilizar esses acesso a cultura. O teatro de sombra é uma coisa que eles gostam bastante, estou falando de algumas entre várias outras possibilidades. Porque ao mesmo tempo que vamos trabalhando uma linguagem esta vai se desencadeando em outras. A tinta por exemplo quando está aquele calorzinho, assim: “ah, mas pra quê? só pra mostrar as cores?” Não! É expressão, tanto é que, quando tu começa a tinta com os bebês, tem uns que não querem, aí daqui a pouco eles estão lá, e até a gente mesmo. O adulto, quando vê, já está junto. Eu acho que é bem amplo, assim, nessa questão das múltiplas, é perceber que tudo está num conjunto interligado. (Antonela)

Nessa fala a professora Antonela traz muitos apontamentos necessários para pensar a prática educativa. Trazendo como papel da instituição também disponibilizar acesso a cultura, e isso ao meu ver, é incontestável, já que as crianças são reprodutoras e produtoras de cultura. Antonela diz também que ao mesmo tempo em que se vai trabalhando uma linguagem, esta vai se desencadeando em outras, e ainda complementa dizendo que tudo está interligado. Com isso assegura a compreensão de que o trabalho do professor é amplo e tem de assumir uma postura de não separação estanque e dicotômica, sendo significativo no desenvolvimento das crianças. Neste sentido reafirmo que o papel das professoras é o de realizar mediações,

interpretando e dando significados às ações da criança, e com isso, ampliar seus conhecimentos.

É preciso compreender que a ampliação das linguagens dos bebês estão presentes nas relações, e eles não precisam de um momento específico para dizer que eles estão nas linguagens. Ou seja, a ampliação das múltiplas linguagens com os bebês ocorrem significativamente nas relações estabelecidas, por isso é essencial que as professoras tenham essa percepção de que a ampliação não ocorre apenas, ou necessariamente, ao dispor de materiais diferentes ou proposições diferenciadas da rotina, mas nos encaminhamentos e nos modos de acolher e compreender cada criança na sua singularidade.

É necessário saber que os bebês são marcados nas relações e no tempo, e que compor o cenário, o espaço da sala, não pode ocorrer apenas em momentos determinados, necessita ocorrer sempre. Schmitt (2008) nos diz sobre essa organização do espaço;

A postura dos adultos, na forma de organizarem o espaço está ligada não apenas às condições materiais e institucionais, mas também às suas concepções, construídas com base em suas expectativas socioculturais relativas aos comportamentos, educação e desenvolvimento infantil. Essas expectativas, constituídas pelas vozes (Bakhtin, 2003) que compõem os adultos, vão dialogicamente marcar as formas de acordo com as quais esse espaço social de educação coletiva de crianças pequenas é organizado. (p. 125).

Com o grupo dos bebês, dar visibilidade as múltiplas linguagens não significa organizar atividades, mas compor o espaço e o tempo de forma a possibilitar as relações e interações que ampliem as experiências de cada um. Pois as crianças pequenas irão ampliar suas múltiplas linguagens nas relações, então é preciso considerar que são também nos momentos das rotinas tais como, alimentação, troca, banho, e em tantos outros momentos que, na fala dessas três professoras estão colocados como empecilho, que ocorrem as interações entre os adultos e crianças, entre crianças e crianças.

Ao perguntar sobre exemplos de como tem trabalhado as múltiplas linguagens nas suas práticas, meu objetivo era perceber o que as professoras compreendiam por múltiplas linguagens, e onde as encontravam nas suas práticas, as respostas foram semelhantes:

Maria Vitória: *a gente trabalha nessa idade, além da música, do canto, do teatro, das brincadeiras, eles já tão indo ao parque, já vão explorar novos horizontes. Trabalhamos já nessa idade com a tinta, eles já mexem com tinta, estamos montando um “portifóliozinho”. Ali tem algumas atividades que a gente faz com eles, já fizemos*

um momento de pintura, no caso, quando a gente trabalhou a páscoa, uma pintura coletiva, colocamos tinta. Pedimos pra eles virem com roupas velhas, eles vieram, daí a gente colocou um tecido no chão, eles pintaram. Teve criança que não gostou no primeiro momento, teve crianças que adoraram teve outras que até comeram, sabe, e mesmo nessa idade a gente já trabalha com guache, com a cola colorida, já proporcionamos isso pra eles.

Antonela: *Teve uma questão que nós apresentamos, que era da história da “bruxa veio a minha festa”, então fizemos um teatro, colocamos as fantasias, e a gente nunca tinha levado as fantasias pra eles. Então foi muito interessante, porque assim, teve crianças que nunca tinham pintado o narizinho, então nos propomos a pintar. Uns não aceitavam, viravam o rosto, não houve jeito, mesmo eles olhando os outros já bastava naquele momento. Mas tinha uns que iam até espelho, e faziam como se tivesse outra criança atrás do espelho. Então assim, essa oportunidade, em tempos atrás, já faz dez anos que eu me formei, talvez eu não trouxesse a fantasia, eu não conversasse com a minha colega de sala, porque acho que tudo é essa questão da parceria. Então isso é importante, das professoras estarem conectadas, pro trabalho ser bom, porque conseguimos ampliar nosso trabalho com as crianças. Trouxemos a história da “bruxa veio a minha festa” e depois ela foi se desarticulando em outros momentos, o chapéu da bruxa, a fantasia, sair no parque pra procurar, e então vai dando outras formas. Também quando trouxemos a história do lobo mau, que eles gostam bastante. E há coisas interessantes que é a troca com as outras crianças maiores, porque agente faz as interações, as vezes vai três, dois pra lá, as vezes agente abre essa portinha aqui, e as turmas se mesclam. Então, também tem esse resgate das crianças, essa questão da interação entre as diferentes idades.*

Maria Clara: *Com as histórias, através das histórias as crianças vão representando, a música, daí foi o que eu falei na verdade, a gente vai cantando, vai explorando os sons do corpo, os movimentos. Oral, escrita, são várias, nos desenhos, até porque a gente não tem o foco na aprendizagem das letras, apesar de que desde bebê já tem o letramento, as histórias a gente apresenta para as crianças, as crianças folheiam os livros em todos os momentos, não tem aquela coisa, tu não pode pegar o livro, ou o livro fica em cima, não! Nas salas as crianças tem acesso livre aos livros. As vezes*

agente percebe eles contando, eles pegam os livros e fazem como a gente faz quando conta as histórias, eles imitam bastante tudo que nós fazemos. Estamos sempre explorando, a todo o momento, a educação infantil é linguagem, envolvimento.

Percebe-se então, após a reflexão já feita neste estudo, que as professoras elencam como múltiplas linguagens aquelas atividades programadas, tais como: música, canto, teatro, das brincadeiras, pintura, fantasias, desenhos, livros. A disponibilização desses materiais é compreendida como repertórios das múltiplas linguagens, importantes de estarem presentes em suas práticas pedagógicas, mas especificamente com o grupo dos bebês a ampliação do repertório das múltiplas linguagens vai se dar significativamente nas relações e interações com seus pares.

Já que as professora trouxeram o uso de diferentes materiais como ampliação das múltiplas linguagens com os bebês, é preciso complexificar sobre esses materiais, no sentido de pensar: o que as professoras trazem? Diversificação de atividades? Músicas? Pesquisam sobre esses materiais? Quais são os materiais? O que esses materiais possibilitam de aprendizados para que as crianças ampliem suas linguagens?

Sabe-se que essa variação de materiais se encontra nas orientações dos NAP's, e que essa variação dos repertórios das crianças depende da ampliação dos próprios repertórios das professoras. Porém diante da fala dessas professoras, percebe-se que na interpretação delas, a ampliação das linguagens com os bebês se dá naqueles momentos propostos onde elas trazem algo diferente. Considero que a ampliação das múltiplas linguagens com os bebês se dá principalmente nas relações e nos momentos de cuidados.

Ressalvo aqui, que as crianças devem ter acesso a esses materiais citados pelas professoras e que também ampliam seus repertórios, mas destaco a necessidade de se perceber que com os bebês é muito além de disponibilizar materiais, é organizar tempos e espaços para que ocorram as relações e que as crianças interajam. É perceber os momentos dos cuidados individuais não como empecilho, mas sim como caminho para ampliação das múltiplas linguagens.

5.3 COMO AS PROFESSORAS OBSERVAM A PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS

Para além de saber o que as professoras compreendem por múltiplas linguagens e como contemplam nas suas práticas, é preciso indagar sobre como observam a participação das crianças nas suas propostas. Nessas entrevistas, é interessante perceber que todas as três professoras observam as sutilezas nas ações das crianças, narrando momentos, o que deixa evidente essa afirmação:

***Maria Vitória:** nos cantos nos primeiros momentos eles estão só observando, e observam, observam. Depois de um tempo, quando eles já escutam uma “musiquinha”, eles já vem pra perto. Outro exemplo é quando falamos: “ah... eu vou contar uma história”, é fácil perceber que eles já vêm, já sentam, eles ficam e prestam atenção, então nós mudamos a entonação da voz, fazemos um suspense, uma brincadeira. Tem músicas que a gente já chega a cantar, e daí tu já começa a fazer gestos e eles já te imitam. Como a música do “cai-cai balão”, a música do “pintinho”, eles na mesma hora já fazem os gestos que a gente faz, eles já te respondem com algum gesto, sabe? Ou eles sorriem, ou fazem um gesto com a mão, ou chegam perto de ti, te mostram através do olhar, te puxam, mas na mesma hora de alguma maneira eles já te respondem como também, quando eles não querem nada, vão se dispersando e às vezes nem um minuto eles ficam.*

A professora Maria Vitória em sua fala nos diz das singularidades de cada criança, os bebês possuem formas diferenciadas de expressar suas vontades, desejos, aflições. É necessário compreender que:

Os bebês sabem muitas coisas que nós culturalmente não conseguimos ainda ver e compreender e, portanto, reconhecer como um saber. As suas formas de interpretar, significar e comunicar emergem do corpo e acontecem através dos gestos, dos olhares, dos sorrisos, dos choros, enquanto movimentos expressivos e comunicativos anteriores à linguagem verbal e que constituem, simultâneos à criação do campo da confiança, os primeiros canais de interação com o mundo e os outros, permanecendo em nós – em nosso corpo – e no modo como estabelecemos nossas relações sociais. (RICHTER; BARBOSA, 2009, p. 87).

Logo, a fala da professora Antonela vai nos revelar sobre as expectativas que as professoras criam em relação ao que propõe;

Antonela: nesse grupo, às vezes, tu traz uma atividade, mas no primeiro momento talvez não seja o que tu espera, por que a gente sempre espera alguma coisa. Normalmente espera que seja 100% de participação e envolvimento, e não é essa questão, porque eu não vou levar o teatro de sombra uma vez, vou levar mais vezes, porque os bebês é surpresa: ou de choros ou sorrisos. Mas eu não posso me basear numa perspectiva de só apresentar uma vez, ou só uma vez a tinta, porque vou estar julgando a reação deles só naquele dia, e a educação é para além disso. Então tem às vezes um retorno, dependendo do que tu propõe no contexto do dia-a-dia, tem dias que planejamos uma história legal, que a gente acha que é legal, e muitas vezes não tem o retorno que tu esperava, e tem coisas que não está no planejamento, e que repercute de uma maneira bem interessante e espontânea, e te dá subsídio pra trazer mais coisas, entendeu? Porquê você percebe que ao invés deles se interessarem só pela tinta, o prazer está em experimentar, que foi o que aconteceu uma vez: esquecemos um potinho de “papinha” de mamão com maçã, e em vez de colocar na mesa, ficou do lado do tapete, e o menino, ele adorou, aquela textura, aquela sensação. Ele ficou passando a mãozinha, ele foi uma das crianças, que não foi pra tinta, naquele momento ele não quis. E volta nessa questão do retorno, o que as crianças trouxeram pra gente?

O que seria o retorno que a professora esperava? E por que aquelas coisas que não estão no planejamento acabam provocando mais interesse nas crianças? E quando a professora pergunta o que as crianças trouxeram para gente? Essas são perguntas que são para pensar, refletir sobre o cotidiano educativo, provocar inquietações em nós. Segundo Guimarães (2008, p. 4);

O trabalho das profissionais da creche é focalizado como um trabalho de questionamento frequente sobre suas funções, emoções e ações. Além disso, permite entender o trabalho com os bebês como incentivo à abertura de caminhos de encontro deles consigo mesmos.

Antonela afirma também a importância de trazer as experiências para as crianças, e que ao trazer repetidamente faz com que vá despertando nas crianças pequenas o interesse e a curiosidade em conhecer o proposto. Porém é necessário perceber que quando ela fala sobre a “papinha de mamão”, que a criança ficou sentindo aquela textura e não foi para a proposta da tinta, embora não tivesse planejado aquele momento, permitiu que a criança explorasse aquele

elemento e é por esses motivos que as crianças pequenas interrogam o currículo, partindo do pressuposto que cada criança se expressa da sua maneira, elas poderão seguir seus desejos e descobertas e não somente aquilo que as professoras propõe e esperam. As Diretrizes Curriculares Municipais (2010) ressaltam sobre esse conceito;

Expressar não é responder a uma solicitação de alguém, mas mobilizar os sentidos em torno de algo significativo, dando uma outra forma ao percebido e vivido (Cunha, 1999, p.25), o que também é diferente de simplesmente “deixar fazer”, acreditando na chamada “livre expressão”. Para mobilizar os sentidos, é essencial o enriquecimento de repertórios, promovendo encontros com diferentes linguagens, alimentando a imaginação provocando histórias (de sentir, ver, ouvir, pensar, fazer) através das quais meninos e meninas possam aventurar-se a ir além do habitual, à procura da própria voz, à escolha de seu próprio caminho reafirmando sua autenticidade.(DCMEI, 2010, p. 58).

Assim Agostinho nos vai dizer que ao “*pensar nos espaços da creche a partir do que as crianças nos indicam revoluciona, mexe, remexe, vira do avesso, desafia-nos em nossa adulez controladora, normalizadora, impositora*” (AGOSTINHO, 2003 p. 94).

A professora Maria Clara também trás contribuições;

Maria Clara: *Ah... Eles adoram! Eles são muito participativos. Toda vez que a gente senta pra ouvir uma história eles vão, eles escutam, toda vez não, tem vezes que eles estão interessados em outra coisa, mas eles gostam bastante de ouvir história, de participar, na música eles escutam, depois querem acompanhar. Eles são bem participativos, todas as atividades, todos os momentos que a gente está com eles, eu to ali sentada, vou pegar um jogo, daí vem todo mundo, pego uma massinha, vem todo mundo, eles estão sempre envolvidos, sempre querem estar ali em contato com a gente, com as profissionais.*

O ser humano já nasce com a capacidade para as potencialidades de comunicação, mas esta só se efetua na relação com o outro. E nessa relação com o outro, os bebês, por não se expressarem pela fala, suas manifestações ocorrem de outras formas, através do choro, do gesto, do balbucio, e nesse contexto, ganha sentido nas significações pelo outro. Para observar a participação e envolvimento dos bebês, as professoras precisam observar as linguagens com as quais utilizam para se expressar, ter proximidade nas relações. “*Faz-se necessário buscar nas crianças, nas suas práticas, nos seus modos de ser, a possibilidade da construção de*

novos tempos e espaços em que elas sejam respeitadas como crianças e possam viver como crianças” (BATISTA, 1998. p. 54).

O professor precisa se reconhecer como mediador no processo de desenvolvimento, e como venho afirmando, reconhecer suas múltiplas funções. O professor de bebês precisa compreender a especificidade da sua docência e perceber que é nos cuidados, nas práticas diárias que ocorre o educar; a forma como eu converso com aquele bebê, a maneira como proponho a ele os objetos, como o percebo nas relações com os outros. O professor tem o papel de observar e considerar cada uma das crianças que constitui seu grupo, e assim propor tempos e espaços que possibilite experiências e aprendizados significativos a cada criança.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo proporcionou aprendizados importantes para o exercício de minha docência. O processo de produzir uma pesquisa foi um tanto quanto árduo, pois uma das maiores dificuldades que tive foi colocar minhas ideias e compreensões para a escrita. Optei pelo desafio de ir em busca do que realmente me motivava a pesquisar.

Ao falar sobre determinada faixa etária, crianças de 0 a 3 anos, as quais são nomeadas de bebês, percebe-se que existem especificidades desse grupo geracional e desse modo, as práticas pedagógicas têm a necessidade do contato físico mais próximo, individual com cada criança, por isso a docência com os bebês precisa encontrar nas práticas dos cuidados, importantes caminhos para a ampliação dos diferentes repertórios, e não reconhecer os cuidados atrelados a rotina como empecilho no cotidiano educativo.

Dessa forma, reconheço as responsabilidades das docentes de ampliarem experiências e os aprendizados de forma significativa, pois exercem papel fundamental na educação das crianças. Assim entendo que a docência com os bebês é algo que deve ser constantemente analisado e discutido. Cada criança possui suas singularidades e seus modos de agir no mundo, e assim precisam ser respeitadas e valorizadas como produtoras de cultura.

A todo o momento neste estudo tive que estar atenta para focar sobre as múltiplas linguagens, já que ao falar sobre bebês muitas outras possibilidades de discussões surgem para dialogar.

Foi preciso ler e estudar muito, e nesse processo foi possível aprender com a professora Kátia e com a Rosi a olhar nas entrelinhas, interpretar melhor e complexificar.

Compreender que a linguagem se constitui na relação com o outro e dessa forma vai se construindo significados. Percebi também, que apesar de termos muitos estudos acerca das múltiplas linguagens nas relações com os bebês, o discurso das professoras, em muitos momentos, era diferente. Saliento que as propostas que envolvem o pintar, desenhar, esculpir, modelar, encenar, dramatizar, entre tantas outras, que são trazidas pelas professoras como aquelas atividades programadas, com certeza precisam fazer parte do contexto educativo. Mas coloco para refletirmos sobre os bebês, o que é mais significativo para eles? Penso que para além dessas possibilidades diferentes, para os bebês é necessário pensar a todo o momento os tempos e espaços e principalmente compreender que a rotina dos cuidados individuais está entrelaçada com as outras propostas.

Reafirmo que a linguagem é algo que se constitui na relação com o outro e dessa forma as múltiplas linguagens são também apreendidas nas relações e interações com os pares. Por isso, considerando que os bebês necessitam ampliar seus repertórios desejamos uma educação onde possam aprender nas relações com os adultos, com as crianças e com objetos.

Contudo, ao falar de múltiplas linguagens é preciso compreender que esse conceito é amplo e complexo. Por isso, neste estudo estive atenta a sua complexidade, tendo em vista que o tempo para desenvolver o trabalho de conclusão de curso não era possível de aprofundar intensamente o assunto do modo como sabemos ser necessário, mas considero uma tarefa que pode ficar no horizonte para novos estudos.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Kátia A. **O espaço da creche: que lugar é este?** Florianópolis, SC. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

BARBOSA, Maria Carmen. As especificidades da ação pedagógica com os bebês. *I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO-Perspectivas Atuais. Anais...* Belo Horizonte (2010).

BARBOSA, Marinalva Vieira. Sujeito, linguagem e emoção a partir do diálogo entre e com Bakhtin e Vigotski. In: SMOLKA, Ana Luiza Bustamante; NOGUEIRA, Ana Lúcia Horta (Orgs.). **Emoção, memória, imaginação: a constituição do desenvolvimento humano na história e na cultura.** Campinas/SP: Mercado de Letras, 2008.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; RISCHTER, Sandra R. S. Os bebês interrogam o currículo: as múltiplas linguagens na creche. **Educação**, Universidade Federal de Santa Maria, v. 35, p. 85-95, 2009.

BATISTA, Rosa. **A rotina no dia-a-dia da creche: entre o proposto e o vivido.** Florianópolis, SC. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.

BATISTA, Rosa. CERISARA, OLIVEIRA, RIVEIRO. **Cotidiano da educação infantil: espaço acolhedor de emancipação das crianças.** 1º CONGRESSO DO FÓRUM DE EDUCAÇÃO INFANTIL DOS MUNICÍPIOS DA AMREC, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. **Resolução n. 5**, de 17/12/2009, Brasília: MEC, 2009.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, 1988.

_____. **LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394).** Brasília, 1996.

CERISARA, Ana Beatriz et al. Partilhando olhares sobre as crianças pequenas: reflexões sobre o estágio na educação infantil. In: **Revista Eletrônica Zero-a-Seis.** Florianópolis: CED/NUPEIN, 2002.

DUARTE, Fabiana. **Professora de bebês: as dimensões educativas que constituem a especificidade da ação docente.** Florianópolis, 2011.

_____. **Professora de bebês: as dimensões educativas que constituem a especificidade da ação docente.** COEB, 2012.

FANHANI, Andressa F. SOUZA, Eduarda. **Adentrando nos universos das brincadeiras de faz de conta das crianças.** Florianópolis 2012.

FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Educação. Prefeitura Municipal de Florianópolis. **Diretrizes educacionais pedagógicas para educação infantil.** Florianópolis: Prelo Gráfica & Editora Ltda., 2010.

_____. Núcleo de Ação Pedagógica: linguagens visuais In: PMF/SME, **Orientações curriculares para rede municipal de Educação infantil de Florianópolis.** Florianópolis: Prelo Editora & Gráfica, 2013.

_____. Núcleo de Ação Pedagógica: linguagens sonoras In: PMF/SME, **Orientações curriculares para rede municipal de Educação infantil de Florianópolis.** Florianópolis: Prelo Editora e Gráfica, 2013.

_____. Núcleo de Ação Pedagógica: linguagem oral e escrita In: PMF/SME, **Orientações curriculares para rede municipal de Educação infantil de Florianópolis.** Florianópolis: Prelo Editora e Gráfica, 2013.

_____. Núcleo de Ação Pedagógica: Relação com a natureza In: PMF/SME, **Orientações curriculares para rede municipal de Educação infantil de Florianópolis.** Florianópolis: Prelo Editora e Gráfica, 2013.

_____. Núcleo de Ação Pedagógica: Relações sociais e culturais In: PMF/SME, **Orientações curriculares para rede municipal de Educação infantil de Florianópolis.** Florianópolis: Prelo Editora e Gráfica, 2013.

_____. Núcleo de Ação Pedagógica: brincadeira In: PMF/SME, **Orientações curriculares para rede municipal de Educação infantil de Florianópolis.** Florianópolis: Prelo Editora e Gráfica, 2013.

GOBBI, M. A. Múltiplas linguagens de meninos e meninas na educação infantil. In: I SEMINÁRIO NACIONAL CURRÍCULO EM MOVIMENTO PERSPECTIVAS ATUAIS, 2010. Anais... **Belo Horizonte.** UFMG, 2010. v. 1.

GRAUE, M. Elizabeth; WALSH, Daniel J. **Investigação etnográfica com crianças**: teorias, métodos e ética. Trad. Ana Maria Chaves. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

GUIMARÃES, Daniela de Oliveira. **No contexto da creche, o cuidado com a ética e a potência dos bebês**. Rio de Janeiro: PUC, 2008.

ROCHA, Eloisa A. C. **A Pedagogia e a Educação Infantil**. In: *Revista Ibero-Americana de Educação*. Madri, Espanha: Redalyc, 2000, n. 022, jan/abril, 1999, p. 61-74.

ROCHA, Eloísa A. Candal. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisa**. Silvia Helena Vieira Cruz (org). São Paulo: Cortez, 2008. p. 43-51.

ROCHA, Eloisa A. C. **Diretrizes educacionais pedagógicas para educação infantil**. Prefeitura Municipal de Florianópolis. Secretaria Municipal de Educação. Florianópolis: Prelo Gráfica e Editora Ltda., 2010.

_____. Educação e Infância: trajetórias de pesquisa e implicações pedagógicas. In: ROCHA, Eloisa; KRAMER, Sônia (orgs). **Educação Infantil: enfoques em diálogo**. Campinas, SP: Papirus, Série Prática Pedagógica. 2011, p.367-384.

SCHMITT, Rosinete Valdeci. **Mas eu não falo a língua deles!** As relações sociais de bebês num contexto de educação infantil. Dissertação (Mestrado). Florianópolis, SC. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2008.

TRISTÃO, Fernanda C.D. **Ser professora de bebês**: um estudo de caso em uma creche conveniada. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.